

(Transcrição)

Castel Gandolfo, 24 fevereiro 2002

A nova evangelização¹

[...]

Não é a primeira vez que falo desse assunto e devo dizer que tive sempre uma alegria especial em fazê-lo, porque as indicações do Papa a esse respeito são estupendas, muito especiais e atuais.

Além disso, dei-me conta de quanto são verdadeiras as palavras do Papa na *Redemptoris Missio*, isto é, que os Movimentos eclesiais e as Novas comunidades «são verdadeiros dons de Deus para a nova evangelização e para a atividade missionária propriamente dita»², de forma que ele espera uma nova primavera da Igreja, que chegará sobretudo deles.

É por esse motivo que, em todas as ocasiões em que falei da nova evangelização e citei os seus principais aspectos, procurei sempre compará-los com os aspectos que caracterizam essas novas realidades eclesiais. Em especial – é óbvio –, comparei-os com aqueles do Movimento dos Focolares.

[...]

A nova evangelização.

Por que se acrescentou o adjetivo "novo" à palavra "evangelização"?

João Paulo II o fez, em 1983. Durante os anos que se seguiram, o Papa formulou princípios, destacou características dessa nova evangelização.

Todavia, é preciso ressaltar que, desde as primeiras décadas do século XX, o Espírito Santo de certo modo já tinha pronunciado a palavra "nova", quando mandou sobre a Terra – como faz de tempos em tempos – carismas particulares para uma nova evangelização do povo cristão, que precisava disso, e para uma mais extensa evangelização da humanidade, dando origem assim a vivas, vibrantes e novas formas associativas, como os Movimentos e as Comunidades eclesiais.

Os princípios e as características mais importantes da nova evangelização, anunciada pelo Papa, são 10:

1. A evangelização deve ser nova no seu ardor;
2. Nova nos seus métodos;
3. Nova nas suas expressões.
4. O primeiro anúncio que se deve fazer é: «O homem é amado por Deus»;
5. Ela é destinada à formação de comunidades eclesiais maduras.
6. Para realizar a nova evangelização, é preciso evangelizar antes de tudo a nós mesmos.
7. A Palavra do Evangelho que virá em destaque é o amor.
8. Deverá fazer viver o mandamento novo de Jesus.
9. Não se poderá realizá-la sem almejar a santidade.
10. Para uma nova evangelização, será necessário, naturalmente, fazer uso da Palavra pronunciada.

Todos são chamados a evangelizar

¹ Discurso feito no dia 24 de fevereiro de 2002 a um grupo de bispos católicos amigos do Movimento dos Focolares, reunidos no Centro Mariápolis de Castel Gandolfo.

² . *Redemptoris Missio* 72, in EV 12, 688;

Como sabemos, as palavras de Jesus, «Ide pelo mundo, proclamai o Evangelho a todas as criaturas» (Mc 16,15), marcam o nascimento da evangelização.

Elas foram endereçadas aos seus apóstolos, aos seus sucessores e a todos aqueles que teriam colaborado com eles.

E por 20 séculos foi assim.

Todos os cristãos, e não só, sabem que missionários bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e alguns leigos, deixando sua pátria, casa, família, trabalho, estudos, cumpriram, ao longo dos séculos, esse mandamento. E todos são cientes do tipo de vida que eles escolheram para realizar essa missão e que existência, por vezes heroica, levaram e levam, ainda hoje, a fim de proclamar o Evangelho aos povos. Nós pensamos que esse tipo de evangelização vai continuar.

Primeiro princípio: “nova no seu ardor”

Todavia, a Igreja hoje, na pessoa do Papa, afirma a necessidade de uma nova evangelização.

Aliás, falando aos Bispos do CELAM, no Haiti, no dia 9 de março de 1983, o Papa esclareceu: «Nova no seu ardor»³. E será assim se, enquanto for se estendendo, fizer crescer, também em quem a promove, a união com Deus.

E quem evangelizar os outros, os próximos, o mundo, deverá sentir crescer em si a união com Deus?

Isso pode parecer novo, mas não é. De fato, emerge da Bíblia e da experiência do nosso Movimento que – como São Paulo afirma no hino à caridade (1 Cor 13,1-13) – nada daquilo que fazemos vale, se não for animado pelo amor ao próximo, nem sequer a evangelização.

Dado que existe uma estreita ligação entre o amor ao próximo e o amor a Deus, quanto mais cresce o primeiro, mais aumenta o segundo e vice-versa.

Nós damos sempre o exemplo da plantinha: quanto mais se aprofunda a sua raiz, mais cresce o caule. E, quanto mais cresce o caule – pela absorção de oxigênio, por exemplo – mais se aprofunda a raiz.

Portanto, abre-se para toda a Igreja a possibilidade de fazer uma nova evangelização que aumenta a união com Deus, o ardor nos corações.

Segundo princípio: “nova nos métodos”

Segundo princípio: esta evangelização deve ser «nova nos seus métodos»⁴. O Papa assim o disse, em 1988, numa homilia em Salto, no Uruguai.

Nova nos métodos significa que, desta vez, será atuada não só por pessoas especiais, como seriam aquelas da hierarquia da Igreja ou os religiosos, mas por todo o povo de Deus.

Portanto, devem ser mobilizados todos os fiéis. Também nesse caso, não é o que faz o nosso Movimento, bem como todos os Movimentos?

O Espírito Santo, no nosso caso, escolheu, desde o início, justamente os leigos, ou melhor, leigas, para suscitar este Movimento eclesial, que é instrumento de evangelização. E, ainda hoje, o nosso Movimento, embora tenha como membros pessoas de todos os estados de vida, das crianças aos Bispos, é prevalentemente constituído por leigos. Portanto, também nesse caso, é todo o povo que evangeliza e o faz há quase 60 anos. Porém, agora esse método deve se tornar uma praxe para toda a Igreja.

Terceiro princípio: “nova nas suas expressões”

³ João Paulo II, "Aos bispos do CELAM". Em: *La Traccia* 3, ed. italiana. Port-au Prince, Haiti, 9 de março de 1983, (1983), p.269;

⁴ João Paulo II, Homilia em Salto, Uruguai, 9 de maio de 1988, in "La Traccia" 5 (1988), p. 523-525;

A nova evangelização será nova também «nas suas expressões»⁵. É sempre o Papa que afirma: «Deixou de existir, mesmo nos países de antiga evangelização (como naqueles da Europa), a situação de uma "sociedade cristã" que (...) tinha como ponto de referência os valores evangélicos. Hoje tem de se enfrentar (...) uma situação que vai se tornando cada vez mais (...) difícil com a progressiva mistura de povos e culturas que caracteriza o novo contexto da globalização»⁶.

Por isso, são necessárias novas expressões de evangelização.

E não há dúvida de que, entre as formas de evangelização modernas, emergem os diálogos, nos quais estão empenhados diversos Movimentos ou Comunidades eclesiais. São os quatro diálogos já anunciados por Paulo VI na *Ecclesiam suam*⁷ e previstos por João Paulo II para a Igreja inteira.

1) Diálogo com os católicos

O nosso Movimento, difundindo-se no mundo – como sabem (porém, faço um resumo para quem veio pela primeira vez) – abriu, desde o início, o diálogo na nossa Igreja, entre católicos individualmente e, mais recentemente, entre Movimentos eclesiais e outras Associações, como também com Famílias Religiosas que nasceram de antigos carismas.

Esse diálogo também atinge o objetivo muito almejado hoje pela Igreja: ser "comunhão", "Igreja-comunhão".

2) Diálogo ecumênico

Em 1961, teve início o nosso diálogo ecumênico, no qual utilizamos aquilo que temos em comum com os cristãos das outras Igrejas: o batismo, a Escritura, o Credo, os primeiros Concílios e a nossa espiritualidade da unidade, que vivemos juntos, quase que integralmente. Ela já é considerada por alguns uma espiritualidade ecumênica.

Portanto, devido a todos esses elementos comuns, sentimos que já podemos formar, com cristãos de 350 Igrejas, que aderem ao nosso Movimento, um único povo cristão à espera da plena unidade. E isso alivia muito o sofrimento causado pela divisão.

3) Diálogo inter-religioso

No fim dos anos 70, abriu-se o diálogo com fiéis de outras religiões, no qual, como primeiro passo, começamos a viver juntos a "Lei de ouro", presente em quase todos os livros sagrados; lei que no Evangelho se exprime deste modo: «Assim como quereis que os homens vos façam, fazei do mesmo modo a eles» (Lc 6,31). [...]

Em virtude do amor ao próximo, que essa lei exige de ambas as partes, já é possível implantar como base do relacionamento entre nós e os outros o amor recíproco. Assim nascem várias experiências de fraternidade.

Nesse clima, colocando-nos no mesmo plano, podemos estabelecer o diálogo com o nosso interlocutor, e nesse diálogo procuramos fazer-nos nada, para, de certo modo, entrar nele.

Tomamos, assim, uma atitude importantíssima e imprescindível, que produz dois efeitos: nos ajuda a nos inculturarmos no mundo do outro, a conhecer a sua cultura e linguagem, e predispõe o outro a nos escutar.

Passamos, dessa maneira, para um "respeitoso anúncio"⁸ – fazendo uso dessa bela e apropriada expressão do Papa – em que, por lealdade a Deus e a nós mesmos, bem como para sermos sinceros para com o próximo, expomos o que a nossa fé afirma sobre o assunto que estamos abordando, sem com isso impor nada ao outro, sem querer conquistar ninguém, sem sombra de proselitismo, mas por amor.

⁵ *Novo millennio ineunte* 40;

⁶ *Ibid.* 53;

⁷ *Ecclesiam suam*, in EV 2, 163-210.

⁸ *Ibid.* 56;

O nosso diálogo inter-religioso abraça fiéis das religiões mais importantes: judeus, muçulmanos, budistas, xintoístas, hindus, etc., pelos quais somos muitas vezes estimados e amados a ponto de eles nos convidarem a comunicar a nossa experiência cristã também em mesquitas muçulmanas (até agora falamos em 40 delas presentes nos Estados Unidos), em templos budistas, em centros judaicos...

Pode ser que alguém, de livre e espontânea vontade, deseje abraçar o cristianismo, como aconteceu com milhares de pessoas de um povo africano, para o qual tivemos que construir uma igreja, que foi constituída como paróquia.

4) Diálogo com quem não tem um referencial religioso

Também as pessoas de boa vontade, embora sem um referencial religioso, percebem que amar os outros não é imperioso só para os cristãos, mas está inscrito no DNA de cada homem, porque – acreditamos – cada homem é criado à imagem de Deus que é Amor.

Podemos viver com eles o amor recíproco, suscitando entre nós o diálogo, com o nosso "respeitoso anúncio" das verdades cristãs.

E, visto que todos eles acreditam no homem, nós trabalhamos juntos, para a glória de Jesus, o qual, além de ser Deus, é homem, a fim de proteger os grandes valores humanos, aos quais eles, como nós, dão muita importância, por exemplo, a liberdade, a solidariedade, os direitos humanos, a unidade, a paz, etc.

Mas os diálogos não são monopólio dos Focolares. Outros Movimentos os praticam, surtindo grandes efeitos. Um deles é a Comunidade de Santo Egídio.

Quarto princípio: “o homem é amado por Deus”

[...]

O primeiro anúncio a ser feito será: «O homem é amado por Deus!»⁹, porque – disse o Papa aos bispos dos Estados Unidos, em 1998 – «a evangelização é o esforço da Igreja em proclamar a todos que Deus os ama, que ofereceu a própria vida por eles em Cristo Jesus e os convida a uma vida eterna feliz»¹⁰. É uma maravilhosa e sintética definição da Boa Nova.

E assim podemos compreender por que a definição desse tão necessário anúncio, que deve ser feito ao mundo, fez com que nós e todos ficássemos admirados. De fato, não estamos sozinhos nessa tarefa de começar esse tipo de evangelização.

Quanto a nós, como muitos sabem, o Espírito Santo, desde os primeiros dias da "nossa nova vida", imprimiu no nosso coração uma forte convicção: «Deus nos ama!». Dizíamos a todos, de todos os modos: «Deus nos ama imensamente!»

E nós acreditamos no amor de Deus. A partir de então, continuamos a anunciá-lo ao longo dos 58 anos de vida do nosso Movimento. Foi dessa fé que tudo começou e se desenvolveu, dando origem à nossa espiritualidade da unidade.

Em obediência ao Espírito Santo, que fala por meio do Papa, agora esse anúncio poderá ser universalizado em toda a Igreja.

Quinto princípio: “formar comunidades cristãs maduras”

«Esta nova evangelização, dirigida não apenas aos indivíduos, mas também a inteiras faixas de população (...), tem por finalidade *formar comunidades eclesiais maduras*. (...)»¹¹.

⁹ Christifideles laici 34, in EV 11, 1751-1752;

¹⁰ Idem. "Aos bispos dos Estados Unidos". Em: La Traccia 3, ed. italiana, 17 de março de 1998, p.257;

¹¹ Idem. Em: Christifideles laici n.º 34. Vaticano: Poliglota Vaticana, ed. portuguesa, 30 de dezembro de 1988, p. 91;

"Comunidades maduras". Acho que seja exatamente essa, em geral, a meta a que os Movimentos, e também o nosso, chegam.

De fato, o nosso empenho não é tanto evangelizar somente pessoas mais jovens, nem de o fazer de vez em quando, com algumas missões. (Isso também pode ser feito). A evangelização, nos Movimentos, é contínua e pode vir a formar realmente comunidades cristãs maduras.

Outro particular: «Os leigos – esclarece o Papa na *Christifidelis laici* – têm que desempenhar uma missão na formação dessas comunidades eclesiais, (...) não só com o seu insubstituível testemunho (nos vários âmbitos humanos), mas também com (...) a ação missionária propriamente dita»¹².

E não seria talvez essa a dúplice ação dos leigos do nosso Movimento? Alguns se dedicam ao anúncio do Evangelho por meio das várias ramificações do Movimento. Outros, por meio das "inundações" (termo extraído de São João Crisóstomo¹³), que exprimem a invasão da Sabedoria evangélica nos âmbitos humanos mais diversificados: a política, a economia, a arte, a ciência, a cultura, etc.

De modo análogo, comportam-se outros Movimentos. E isso também está previsto pelos planos pastorais de certas dioceses.

Sexto princípio: “evangelizar a si mesmos”

Eis outro princípio para uma nova evangelização que o Papa anunciou, sempre em 1998, aos peregrinos da diocese de Torun; princípio que a nós causou muita impressão pela coincidência entre os métodos. Certos Movimentos o vivem, e também o nosso, de um modo todo especial, literal e pleno. [...]

«Não se pode evangelizar», se antes nós mesmos não nos evangelizamos, «se não somos, pessoalmente, objeto da evangelização», porque «somente um homem transformado pela lei do amor de Cristo (extraída do Evangelho) pode operar uma verdadeira metanoia □= conversão] dos corações e da mente de outros homens, do ambiente, da nação e do mundo».¹⁴

[...] Uma das nossas primeiras preocupações, desde sempre, foi e é aquela de mudar o nosso modo de pensar, de querer, de amar como fez Jesus, vivendo sempre, por um certo período, as palavras do Evangelho em seu sentido completo. E isso para evangelizar, em primeiro lugar, a nós mesmos.

Agora, quem sabe que meios a Igreja encontrará para começar a atuar este princípio, ou para dar continuidade a isso.

Sétimo princípio: “colocar em relevo o amor”

«A transformação (...) se resume (...) (no amor ao próximo), nas obras de misericórdia»¹⁵, afirma sempre o Papa aos peregrinos da diocese de Torun.

E também para nós, como para muitos outros, embora dando a máxima atenção a todas as palavras do Evangelho, o Espírito Santo realçou especialmente esta, que resume toda a Lei e os Profetas: o amor. «O amor é a centelha inspiradora de tudo o que se faz sob o nome de Focolares»¹⁶, diz João Paulo II num seu discurso dirigido a nós, em 1984.

Especifica-se ainda que o amor se exprime em obras de misericórdia ou de caridade; para testemunhar o verdadeiro amor, sabemos que todos os Movimentos têm muitas dessas obras, inclusive o Movimento dos Focolares; em números incontáveis, elas existem nas várias Igrejas.

Oitavo princípio: “atuar o mandamento novo”

¹² Ibid;

¹³ Cf João Crisóstomo, in Johannem homilia, 51; PG 59,284;

¹⁴ Idem. "Aos peregrinos da diocese de Torun". Em: La Traccia 2, ed. italiana, 19 de fevereiro de 1998, p.174-175;

¹⁵ Idem. "Ai pellegrini della diocesi di Torun", op. cit;

¹⁶ Cf. Discurso do Papa no Centro Mariápolis de Rocca di Papa, 19.4.1984.

Para a evangelização, é fundamental o testemunho do amor recíproco. Disse Jesus: «Nisto todos reconhecerão que sois meus discípulos: no amor que tiverdes uns para com os outros» (Jo 13,35). «Ninguém tem maior amor do que este: dar a vida pelos próprios amigos» (Jo 15,13). E os primeiros cristãos davam plenamente esse testemunho, visto que deles se afirmava: «Vede como se amam e um pelo outro está pronto a morrer».¹⁷

No Movimento dos Focolares, como sabem, não só se deseja viver o mandamento novo, mas ele é a base de tudo, seguindo o que disse São Pedro: «Antes de tudo, tendes um constante amor uns para com os outros» (cf 1 Pd 4,8), que é para nós a norma das normas.

O amor recíproco foi enfatizado de modo especial na Igreja pela *Novo Millennio ineunte*, em que é anunciada a "espiritualidade de comunhão", que o Papa quer que seja vivida em todos os níveis. O caminho principal para poder vivê-la é – como o Papa escreve – o amor a Jesus crucificado e abandonado.

É a espiritualidade de comunhão, sinônimo de espiritualidade da unidade, assim como o Papa a definiu no ano passado, numa carta endereçada aos senhores, cardeais e bispos amigos do Movimento¹⁸.

Nono princípio: “almejar a santidade”

Para a nova evangelização é exigida, e se considera necessária, a santidade.

E também nesse caso: o que podemos dizer da nossa experiência?

Os diversos membros do Movimento (que vários Bispos consideram como modelos, iniciando assim o seu processo de beatificação), não são uma confirmação de que é possível santificar-se, vivendo o nosso carisma, e também de que, graças a Deus, a tensão à santidade está presente na nossa Obra, em todos os seus membros chamados a evangelizar o mundo?

De agora em diante, será um dever para todos os cristãos tender à santidade, se quiserem contribuir eficazmente para a nova evangelização.

Décimo princípio: “a Palavra pronunciada”

«A nova evangelização será eficaz se souber proclamar de cima dos telhados o que viveu primeiro na intimidade com Deus».¹⁹

Nós agimos assim? Certamente. Também em todos os Movimentos. A Igreja inteira almeja isso de várias maneiras.

No que se refere a nós, a palavra ressoa em cada ângulo da nossa vida: nos relacionamentos pessoais, nos nossos congressos, nas mais de 170 Mariápolis temporárias ou nas 24 Mariápolis permanentes, etc.

Falamos diretamente e através dos meios de comunicação mais modernos: imprensa, rádio, televisão, teatro, conexões telefônicas, conjuntos musicais, etc.

Eis algo a respeito dos 10 princípios lançados pelo Papa. Eis como o Espírito Santo os ressaltou há muito tempo na Igreja por meio dos carismas mais variados.

A nova evangelização, proposta do Alto, deu asas ao nosso e a outros Movimentos.

É uma graça enorme que o Papa a tenha proposto, e nesses termos, para toda a Igreja.

Só nos resta trabalhar para incrementá-la e, junto com todos os cristãos, atuá-la.

Que o Espírito Santo nos ajude a ser fiéis!

¹⁷ Cf. Tertuliano. Em: Apologético 39, 7, ed. italiana. Aos cuidados de A. Resta Barrile, Bolonha 1980, p. 145;

¹⁸ Cf. *Lettera ai partecipanti all'annuale convegno di vescovi amici del Movimento dei Focolari*, in *Insegnamenti di Giovanni Paolo II, XXIV* (2001) 1, LEV, Città del Vaticano, p. 370.

¹⁹ Idem. Em: *Vita consecrata* 81, in EV 15, 684. Vaticano: Poliglota Vaticana, ed. portuguesa, 25 de março de 1996, p. 147;